

RESENHA

BENKO, Georges *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo, Hucitec, 1996

Ricardo Castillo

Trata-se de uma obra que busca explicar a nova organização territorial do capitalismo contemporâneo, através das mutações econômico-sociais em curso nos países ditos desenvolvidos desde a crise que marca o esgotamento do regime fordista.

O autor apresenta, no decorrer dos capítulos, um balanço das teorias surgidas para explicar a crise que sucedeu a trinta anos de crescimento econômico e de ganhos sociais através do modelo adotado de produção e consumo de massa, este último sustentado por salários relativamente elevados (forte sindicalismo) e pelas políticas públicas de bem-estar social. Suas argumentações tendem para a adoção da teoria da regulação como modelo explicativo desta crise do início dos anos 1970 e da organização social, econômica e espacial que se segue. Assim, o regime de acumulação fordista, acompanhado de um modelo de regulação a ele correspondente, começa a dar lugar a um período de transição ainda incerto e não acabado, marcado pela flexibilidade nas relações de trabalho, produção e consumo.

A preocupação com a definição das noções de regime de acumulação e de modo de regulação está presente, assim como a comparação desta proposta explicativa com outras teorias surgidas a partir dos anos 1970 para interpretar a crise e sugerir ações de retomada da estabilização econômica e social, destacadamente na Europa Ocidental e nos Estados Unidos.

Particularmente importante para a geografia, pode-se encontrar nesta obra uma correlação entre cada período da história econômica recente e estratégias espaciais assumidas pelo processo de industrialização e seus desdobramentos na esfera da produção e do consumo. Igualmente importante para a geografia e para a economia regional é a minuciosa apresentação, em mais de um capítulo, da atual organização territorial do sistema produtivo e do deslocamento geográfico das atividades com todas as implicações sociais que daí resultam. Ressalte-se que

não há mecanicismo na interpretação das relações estabelecidas, primeiro porque o atual período encontra-se ainda em fase de estruturação e também porque as análises têm como base estudos empíricos detalhados regionais (Cité Scientifique Paris-Sud) e de empresas particulares (IBM).

Os termos **flexibilidade, mobilidade e fluidez** traduzem bem as tendências atuais de reestruturação do sistema produtivo, despolitizando frações da classe operária por meio de deslocalização e realocação das atividades econômicas como parte das estratégias de acumulação flexível - sem que um modelo perfeitamente delineável de saída capitalista da crise possa ser constatado. Segundo os próprios termos do autor, "a palavra-chave mobilidade /.../ remete não à dominação tendencial de um modelo ideal-típico pós-fordista que estaria plenamente delineado em seu programa e em seus aspectos produtivos, mas antes às numerosas zonas de incertezas que a acumulação contraditória e combinada em escala internacional veicula" Quanto ao termo flexibilidade, o autor insiste em seu caráter multidimensional, cujo objetivo é o de mudar as relações de produção exatamente para manter globalmente a estabilidade do sistema.

A crise do modelo fordista nas economias de capitalismo avançado faz renascer toda uma série de análises com base nos ciclos econômicos. Benko apresenta, assim, uma síntese das correntes de pensamento que buscam explicar a crise desta maneira, comparando, entre outros, a análise schumpeteriana com a teoria da regulação (ressaltando, dentro desta última, várias divergências de interpretação). O objetivo é o de chegar à compreensão de uma nova dinâmica espacial que se estabelece com base em três fenômenos principais: indústrias de alta tecnologia, sofisticação e desenvolvimento da economia de serviços (principalmente os *produce services*) e as atividades artesanais e multiplicação das PME (pequenas e médias empresas). Note-se que um dos ele-

mentos que levaram à retomada da teoria dos ciclos econômicos é a importância da dimensão tecnológica e o encurtamento do ciclo de vida do produto *high-tech* em comparação com o produto tradicional, levando em consideração as fases de desenvolvimento, maturação e estandarização. Porém, o autor alerta para o perigo do determinismo tecnológico na explicação da realidade capitalista contemporânea. Esta e o espaço geográfico que lhe corresponde devem ser interpretados a partir de um conjunto sintetizado no termo “modelo de desenvolvimento”, em que pelo menos três grandes aspectos devem ser considerados: forma de organização do trabalho, estrutura macro-econômica e modo de regulação.

O novo paradigma tecnológico (modelo de industrialização) provoca uma reestruturação geográfica em diversas escalas, indispensável à viabilidade e à reprodução de um novo sistema. Este novo sistema nada mais é do que a tentativa de saída da crise e retomada da estabilidade econômica sem contradizer os princípios básicos da economia de mercado.

É nesta perspectiva que o autor considera mais sensato pensar em ondas ou ciclos do que em períodos. Este último pressuporia características constantes que estariam ausentes no momento atual. Enganam-se, pois, aqueles que acreditam encontrar na flexibilidade todas as respostas para a explicação das transformações políticas, sociais, econômicas e geográficas do capitalismo contemporâneo.

Muitos outros aspectos importantes da economia e da geografia contemporâneas podem ser encontrados nesta obra, tais como uma interpretação

do termo mundialização ou globalização, o desenvolvimento das noções de mobilidade do capital e do trabalho, o papel do Estado-Nação na relação entre seu território e aquele das grandes empresas dominantes, a nova fluidez do capital financeiro, cidade global, especialização dos lugares, tecnopólos, entre outros.

Ainda que se possa fazer uma crítica ao tom eminentemente econômico adotado pelo autor (quando se espera de um geógrafo um desenvolvimento teórico que revele os fundamentos de uma metodologia que, por sua vez, evidencie a importância e a particularidade da dimensão geográfica dentro da teoria social crítica), uma leitura atenta desta obra faz emergir as relações entre materialidades e ações que caracterizam o espaço geográfico contemporâneo ponto de chegada, talvez, da economia regional e ponto de partida, segundo uma dada interpretação, da geografia. Um bom exemplo é a constatação pelo autor do fato de que a “paisagem econômica” (materialização das atividades no espaço) é a primeira das formas de regulação que surge num momento de crise econômico-social.

No final do livro, encontra-se um glossário da geografia econômica do fim do século XX, criado para tornar mais didática esta aproximação da geografia com a história do pensamento econômico e com as novas teorias econômicas sobre as relações de trabalho e de produção.